

22
2

DURANTE O REINADO

DE

DOM PEDRO II

COMEDIA DRAMA EM 1 ACTO

ORIGINAL DE

ERNESTO AUGUSTO DESFORGES

Representada pela 1.^a vez
no Theatro da rua dos Condes, a 8 de março de 1872,
por occasião da vinda de
S. S. M. M. OS IMPERADORES DO BRAZIL
a Portugal

1872

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA

6, Rua do Thesouro Velho, 6

DURANTE O REINADO

DE

DOM PEDRO II

COMEDIA DRAMA EM 1 ACTO

ORIGINAL DE

ERNESTO AUGUSTO DESFORGES

Bepresentada pela 1.^a vez
no Theatro da rua dos Condes, a 8 de março de 1872,
por ocasião da vinda de
S. S. M. M. OS IMPERADORES DO BRAZIL
a Portugal

1872

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6

DIKATE O KENADO

DOM PEDRO II

UNION DIANA EM 1 ANO

ERNESTO AUGUSTO DESJONCES

1. The first of the three
is the one which is
the most common
and the most useful
in the practice of
the art.

THE END
ALFRED H. H. H. H. H.
and others who

A S. M. O SENHOR D. PEDRO II

IMPERADOR DO BRAZIL

O. e D.

O AUTHOR

A. J. O. SENHOR D. PEDRO II

IMPERADOR DO BRASIL

O. J. D.

COLEÇÃO

PERSONAGENS

ANTONIO DE MENDONÇA — 20 a 30 annos.

O VISCONDE — 50 annos.

LOURENÇO — agiota 50 a 60 annos.

LUIZA — filha do visconde 18 annos.

A BARONEZA — 35 annos.

O PADRE PRIOR.

O ADMINISTRADOR.

O MESTRE DE MENINOS.

UMA RAPARIGA DO CAMPO — 8 annos.

UM CREADO.

Rapazes e raparigas do campo.

A acção é passada n'uma herdade proxima de Lisboa.

Epoca 18...

PERSONAGENS

ANTONIO DE MENDONÇA — 20 e 25 annos.

O VIRGONDE — 50 annos.

LOURINHO — 40 e 45 annos.

LUZIA — filha do Virgondo — 18 annos.

A BARONessa — 35 annos.

O PADRE TUBO —

O ADMINISTRADOR.

O MESTRE DE ALUNOS.

UMA JATANGA DO CAMPO — 8 annos.

UM TIRADO.

Asparos o capitão do campo.

A esqda é puzida a uma distancia pequena do Taboal.

Fim da 1.ª

ACTO UNICO

O theatro representa uma sala elegante na herdade do visconde deixando ver ao fundo os jardins da quinta

SCENA I

Antonio e Luiza

LUIZA

(*Á E. bordando.*) E então primo, já terminou os seus versos?

ANTONIO

(*Á D. escrevendo.*) E o seu bordado vai muito adiantado?

LUIZA

Não, estou hoje com pouca pachorra.

ANTONIO

Os meus versos também estão em começo. Mas que quer? Quando estou a seu lado absorvem-se-me todas as idéas. Eu bem sei que a prima me vai condemnar, porque o contrario é que deveria acontecer, mas são tão poucos os momentos que estamos juntos, que quando assim succede, a alma deleita-se-me, e o espirito divaga absorto, sem mesmo saber o que pensar. Os poetas são quasi sempre assim; ambicionam momentos venturosos em que possam dar azas á musa, mas chegados elles o espirito embriagado desfallece-lhe, e só se contentam em mais tarde fazer renascer na memoria essas visões doiradas ou estes momentos ditosos.

LUIZA

Sempre o conheci assim... lisongeiro ao ultimo ponto ! Mas lembro-lhe que póde em seu excesso tocar na raia do exagero, e d'ahi ao ridiculo são sómente dois passos !

ANTONIO

Nunca se póde ser exagerado, minha prima, quando se põe em relevo uma gentil visão de 18 annos. Eu vejo a prima como o infeliz vê no futuro a esperança, com sorriso de fada, dentes de perolas, e olhar scintilante, olhar, que é até capaz de fazer mover na sepultura um morto !

LUIZA

(*Largando o bordado e rindo.*) Ora o primo sempre tem idéas ! Aconselho-lhe que não ponha tal em verso, porque os seus leitores desatariam todos a rir.

ANTONIO

O poeta, minha prima, é o entendedor das maravilhas divinas, o doido sublime. Onde ás vezes os mais encontram uma pedra bruta, elle descobre um brilhante valiosissimo.

LUIZA

Pois sim... sim. Mas quer que lhe falle com franqueza, quer que lhe diga o que lhe diria uma verdadeira amiga, uma boa irmã ? Não quero negar que o primo tenha dotes para ser escriptor, para ser mesmo um bom pintor da natureza, mas falta-lhe a prudencia e a serenidade da applicação, e sem ellas bem vê que nunca se poderá passar á posteridade.

ANTONIO

Não quero de fórmula alguma contrarial-a no que diz, mas note que a poesia é uma flôr que nasce e vigora, e não póde ser de fórmula alguma artificial ; concordo que uma boa cultura lhe dá desenvolvimento e mesmo a bellesa precisa, mas ha de ser sempre mais bella essa flôr natural, embora não cultivada, que outra qualquer planta que com o mesmo perfume embriagante, a queira com a mais escrupulosa cultivação imitar.

LUIZA

Diga-me uma coisa ; que fez a tantas obras theatraes que tem escripto e que ainda não conseguiu ver representadas ?

ANTONIO

Vendi por uma insignificante quantia a edição d'ellas juntamente com o drama — *Luiza* — que lhe dediquei, a um livreiro do Rio de Janeiro, que veio a Lisboa comprar algumas obras.

LUIZA

Triste paga de tantas idéas expandidas! Eu antes quizeria que se esquecesse de tudo isso... mania predominante de quasi todos os rapazes sem occupação, e buscasse pelo seu talento applicado d'outra maneira mais vantajosa, uma vida que lhe grangeasse, se não maiores lucros, mais consideração.

ANTONIO

Respeito a sua opinião porque desde creança me ensinaram a respeitar sempre as opiniões alheias, e muito principalmente as das senhoras, mas não me julgue conformado com ella. E se é certo que no Brazil, nação heroica, patria de grandes talentos, como Gonçalves Dias e Casimiro d'Abreu, e protectora de tantos irmãos nossos, se dá o verdadeiro valor ao merito, tenho fé que ainda heide ver em relevo as obras que tanto quero!

SCENA II

Os mesmos, Visconde, e depois Visconde só e Antonio

VISCONDE

(*Entrando.*) Bom dia, senhores.

LUIZA

(*Correndo a elle, beijando-lhe a mão.*) Bom dia, papá.

ANTONIO

(*Idem.*) Bom dia, meu tio!

VISCONDE

Tenho, minha Luiza, de fallar a sós com teu primo; peço-te que nos deixes. Tem paciencia de te interromper nos teus intretenimentos.

LUIZA

Pois não, papá, (*Á parte saindo.*) Que mais estouvanices terá commettido o senhor meu priminho?... (*Sae.*)

VISCONDE

(*Sentando-se, a Antonio.*) Sente-se, senhor.

ANTONIO

Estou assim muito bem, meu tio.

VISCONDE

Não ignora que quando seu pai morreu tinha o sr. apenas seis annos; expirando, entregou-m'o em meus braços e disse-me: Confio-te meu filho, era o que mais rico tinha no mundo; morro contente porque sei que o entrego aos cuidados d'um bom pai; tu és feliz e tens meios, educa-o, dá-lhe o patrimonio do espirito, já que não lhe pude deixar o da fortuna. E contando com as minhas benções lá do Ceu, elle se não fôr ingrato, te pagará tambem em reconhecimento cá na terra. Seu pai expirou; eu, cuidei da sua educação; alguma coisa aproveitou, é verdade; — as benções do Céu vieram, porque, graças a Deus não sou infeliz; mas a sua gratidão é que se não dá, — porque agora mesmo um homem que espera lá fóra, me acaba de exigir esta quantia que o senhor consumiu ainda hontem, naturalmente ao jogo! (*Entregando lhe um papel.*)

ANTONIO

Meu tio...

VISCONDE

Não é pelo dinheiro, creio que me faz justiça, mas sim por não o ver emendado que isto me custa, Antonio.

ANTONIO

X Meu tio, uma vez de tarde, teria eu então 16 annos, era no verão e tínhamos vindo passear a esta quinta de meu tio; o crepusculo descia sobre a crista das montanhas, a natureza recolhia-se como que para entôar o cantico da noite. As sombras estendiam-se pelo leito dos valles e o silencio tornava mais solemne a voz melancolica das aves que pou-savam entre a ramagem do arvored. Foi ao cair da tarde, e pareceu-me ouvir a voz de meu pai... os olhos humedeceram-se-me e as lagrimas correram-me a quatro e quatro pelas faces, e fiz os primeiros versos da minha vida. A saudade d'um pai havia sido a minha primeira musa. Era um canto simples e natural como a dos passarinhos. Tornei-me então poeta e escrevi muito, embalado á sombra d'uma esperança que nunca, naturalmente, heide ver realisada, por que não pode o triste protegido, sem pai, sem fortuna e sem futuro, olhar para tão alto.! N'algumas horas de desalento, tenho rasgado muitas d'essas paginas candidas, e quasi que pedido o balsamo da sepultura... é que as primeiras illuzões

da vida, abertas de noite — caem pela manhã como as flores cheirosas das laranjeiras. Flores e estrellas, poesia e esperança fagueira, tudo por seu turno veio debruçar-se sobre o espelho magico da minha alma, e ahi estampar a sua imagem fugitiva! Na terra não me quizeram acceitar os versos, e no Céu não haviam abençoado a esperança que me guiava á felicidade... Oh! se pensei na morte?! Abandonado de tudo... esperança, crença e fé, vendo-me curvado ao peso da gratidão, tenho em minha audaz soberba, soberba que dão as aspirações dos 20 annos, esquecido do que sou e do que devo, e dominado por um espirito illucidador, procurado occultar a minha dôr entre o vicio...

VISCONDE

(*Levantando-se.*) Senhor, esquece-se que está deante d'um pai!

ANTONIO

Oh! peço perdão, meu tio, mas foi tanto o fel de que me encheu o calix da amargura, que não o podendo conter, estravazou.

VISCONDE

Está bom. Pensarei n'um meio de lhe acalmar essas idéas de rapaz; tenha fé no futuro; ainda está muito moço, e se um dia, que eu espero, não tardará, a prudencia da idade o fizer renunciar a essa mania que lhe póde esterilizar a imaginação, terá então a felicidade que ambiciona, e de que se tornará digno, espero! Agora aqui tem dinheiro. (*Dalh'o.*) Faça entrar para esta sala esse homem e pague-lhé por sua mão. (*Tocando uma campainha. A um creado.*) Faça entrar para aqui a pessoa que espera no escriptorio. (*O creado sae, entrando em seguida com Lourenço. O visconde cumprimenta-o e sae.*)

SCENA III

Antonio e Lourenço

LOURENÇO

Estimo que o ill.^{mo} sr., tenha passado sem novidade, na sua importante saude. Este seu creado vae vivendo sempre ás ordens dos amigos.

ANTONIO

Não poudes então esperar que eu fosse a sua casa? Teve muita pressa e veio procurar meu tio...

LOURENÇO

Eu lhe digo... não foi por mal. Mas como tinha de apurar dinheiro para certa conta que heide satisfazer hoje sem falta...

ANTONIO

O prazo findava amanhã!

LOURENÇO

Como o ill.^{mo} sr. é sempre obsequioso, lembrei-me de lhe vir pedir este favor... mas dou-lhe a minha palavra de honra que não foi por mal! E depois, podia o ill.^{mo} sr. ter de terminar alguma obra litteraria, coisa que eu muito respeito, e não queria por fôrma alguma que se incommodasse. (*Áparte.*) Tenho por costume não deixar o certo pelo duvidoso... E depois antes se diga: bem fiz eu, do que se eu soubera!

ANTONIO

Despreso sempre o incommodo quando tenho d'accudir a qualquer compromisso. Quanto tem então a receber?

LOURENÇO

Pouco dinheiro. O capital emprestado, são 30 libras, ill.^{mo} sr. agora o premio por dois dias, são... são, sem ser por mal, para o amigo, são nove mil réis...

ANTONIO

Dois dias pagando amanhã, mas pagando hoje é um só. No entanto aqui estão 32 libras, e não façamos questão. (*Dalh'as*)

LOURENÇO

(*Recebendo-as.*) Também me parece melhor, não façamos questão. *Inter amicos non datur geringonça!*

ANTONIO

Está certo?

LOURENÇO

Certissimo! Tenho a observar-lhe que não faça reparo de eu contar o dinheiro, porque não é por mal, juro-lhe, mas sempre é bom, porque elle, afinal, não se fez para outra coisa. (*N'outro tom.*) Agora, sem o offender. O restosinho d'aquella outra continha, para quando fica? Isto não é por que desconfie do ill.^{mo} sr., nem por espirito de incommodar, mas é por que os negocios teem corrido mal e eu preciso dinheiro.

ANTONIO

Como caução a essa quantia pensei em dar-lhe um penhor ;
quererá recebê-lo ?

LOURENÇO

Recbe-se, ill.^{mo} sr. mas... de que qualidade é o penhor ?...

ANTONIO

Um romance que acabei ainda hontem.

LOURENÇO

Um romance!!!... Ora com franqueza, para que serve
isso ? ! Não sabe que hoje em dia ha por cá tanto que fazer,
que não sobra o tempo para ler romances. Positivo, por tan-
to... positivo, Ill.^{mo} sr. ! Ouro, prata, ou brilhantes, são
os verdadeiros penhores. Os mais não passam de historias.
Que eu não digo isto por mal, ill.^{mo} sr., dou-lhe a minha pa-
lavra de cavalheiro!...

ANTONIO

Tem razão. Pensa muito acertadamente... Esses generos
de penhor teem mais valor que um romance ; para os conhe-
cer basta só ter um pouco de raciocinio, emquanto que para
avaliar qualquer obra litteraria, é preciso ter intelligen-
cia, e é isso o que na actualidade escaceia bastante ! (*n'outro
tom.*) Andae povos, trabalhae bastante em vossa rudez d'es-
pirito, para o amontoar de metaes, tratae sómente do corpo,
não cuideis do espirito, que ámanhã as nações mais illustra-
das, dispondo da sua astucia se hão-de apoderar de vós e dos
vossos haveres !... É para lastimar que hajam individuos tão
inferiores aos outros como o corpo é inferior á alma, ou o
animal ao homem. Trabalhae pois todos que pensaes assim,
que sois unicamente proprios para os trabalhos materiaes e in-
capazes de fazerdes coisa mais perfeita.

LOURENÇO

Está bom .. está bom... não se altere por isto ill.^{mo} sr.
eu já tive a honra de lhe observar que o que disse, não foi
por mal.

ANTONIO

Não julgue por isto que me desconsola a sua opinião, muito
até pelo contrario. Vendi ha já algum tempo umas obras thea-
traes para serem impressas no Rio de Janeiro. Lá, juntando-
se o util ao agradável, existe o verdadeiro amor pela arte e
a [devida homenagem pelo genio. Paiz poderoso, filho de

Portugal, sempre prompto a auxiliar o estrangeiro desventurado, que longe da sua patria procura lá o que n'ella não pôde achar. Não nega nunca o merecimento a quem de qualquer fôrma o patenteia. Espero por tanto mais algum tempo, e se se tiver esgotado a edição das minhas primeiras obras, poderei então vender com vantagem esta, pagando ao senhor com o fructo do meu trabalho de espirito, o seu trabalho de corpo.

LOURENÇO

Farei votos para que a sua intelligencia tenha encontrado a justiça que merece.

ANTONIO

Obrigado.

LOURENÇO

(*Aproximando-se d'elle.*) Quando apparece então ?...

ANTONIO

Breve. (*Toca uma campainha e apparece um creado.*)

LOURENÇO

Observo-lhe que não é bom deixar atrazar contas. Está muito caro o dinheiro. (*N'outro tom.*) Antes porém de me retirar quero que me fique conhecendo. Tudo isso que o senhor pensa é muito bonito em theoria, porém na pratica, deixa-nos ver que é molestia dos poucos annos. Usualmente os rapazes, só depois mais tarde, quando ás vezes já não ha remedio, se arrependem do seu pensar leviano. Eu tambem fui assim aos vinte annos, só cuidava do dia de hoje e não via o de ámanhã; o meu coração e a minha bolsa estavam sempre abertos, de par em par, ás urgencias e aos caprichos alheios; tinha amigos .. amigos! ... com quem convivia, mulheres que me adoravam, mas quando um dia já farto de me torturar, porque explorado por todos a fortuna tinha-se-me acabado, declarei a minha falsa posição, desapareceram-me amigos e amores, deixando-me a braços com a miseria. E quer saber depois? Elles e ellas com quem eu tinha gasto toda a minha fortuna eram os primeiros que me censuravam e que fugiam de mim, para que não os apoquentasse, pedindo-lhes uma migalha, sómente, do pão que tantas vezes tinham comido á minha mesa. Desamparado por todos que me negavam protecção, tive que ir em terra estranha, terra do Brazil, quasi que mendigar o pão de cada dia. Emendado, por que não ha melhor licção do que a que á propria custa aprendemos, consegui com muitas economias e privações juntar alguma coisa, e voltar á terra patria. A ardencia dos sóes do Brazil

tinha-me resequido o coração, e a lição havia-me aproveitado bastante! Esqueci-me de todos que então conhecera. Vendi a consciencia, fiz-me cynico e hoje vivo á custa dos males alheios, sou agiota, e é preciso para que me vingue que os veja soffrer como me fizeram soffrer a mim. (*Rindo.*) Ora aqui tem a minha historia. Agora ajuize da minha pessoa como lhe parecer. — E até á vista porque ancioso e soffrego o espero; preciso de dinheiro, de muito dinheiro; e heide arranjal-o! (*Ri.*)

ANTONIO

Agradeço o conselho.

LOURENÇO

(*Saindo*). Até á vista, ill.^{mo} senhor.

ANTONIO

(*Só*). Será verdade o que este homem diz?! Se assim é tenho algum dó d'elle, mas ainda assim não tanto que possa sympathisar. Ha com certeza um fundo mau n'elle, ou pelo menos o proceder e o contacto dos outros o corrompeu. (*N'outro tom*). E recebi mais outro favor de meu tio! Sou um cobarde. Já a gratidão me peza de sobejo, e cada vez vou vergando mais debaixo do seu duro pezo. Vamos, pois, é preciso terminar com isto tudo que me vexa e humilha em extremo; não nasci para ser dominado, nasci seguramente para dominar; diz-m'o a minha razão, diz-m'o o proprio orgulho que se não póde ligar de forma alguma ao dominio mais forte d'esta vida — a gratidão. (*Sae*).

SCENA IV

Luiza e Baroneza

LUIZA

(*Entrando com a Baroneza*). Olha, para te fallar a verdade, tenho bastante desejo de ir á tua reunião, mas não sei se meu pae estará de humor para me acompanhar.

BARONEZA

Desculpas, minha querida Luiza. Receias talvez que o priminho não acompanhe e preferes ficar em casa...

LUIZA

(Baixando os olhos). Baroneza !

BARONEZA

Está bom... está bom, não cores que o caso não é para tanto. Não ha cousa mais natural, que uma formosa rapariga de 18 annos agradar-se d'um primo, tambem joven, e de mais a mais poeta ! E esses senhores, minha querida não sei o que fazem que teem arte de agradar a quasi todas as raparigas. Eu affirmo assim, porque fallo com conhecimento de causa. Aos 20 annos as gavetas da minha *toilette* eram um perfeito Parnazo ! Sonetos, odes, epithalamios, e até alguns poemas ! De todas estas galanterias estavam fornecidas e em demasia.

LUIZA

Não é o que julgas maliciosa, e fica certa que farei todo o possivel para ir á tua reunião.

BARONEZA

Mas ali chega o Visconde, vem a proposito.

SCENA V

Os mesmos e Visconde

VISCONDE

(Cumprimentando). Por cá, senhora Baroneza ?

BARONEZA

(Idem). Senhor Visconde.

VISCONDE

Não ha gosto perfeito n'esta vida é bem certo. Dou pela presença de V. Ex.^a, n'esta sua casa, e ao mesmo tempo sou surprehendido por a encontrar já em disposição de partida.

BARONEZA

Pois estou cá ha immenso tempo !

VISCONDE

Luiza é que foi então a culpada, deveria ter-me mandado prevenir.

BARONEZA

Não lhe está mal essa lisonja : mas se ha aqui alguem a lastimar-se sou eu e não V. Ex.^a Saiba no entanto que o assumpto da minha visita, foi vir convidal-os para a minha partida d'esta noite,—partida, já se vê, a que assistem o padre prior, o administrador da terra, o mestre de meninos, e mais dois ou tres fazendeiros, dos ricos ! Equivale por tanto a dizer, já veem, que privando-me das suas companhias, poderei morrer de aborrecimento. Que dizem ? Então, posso contar com os meus amigos ?

VISCONDE

Com certeza que sim, da minha parte, e estou convencido que Luiza não me deixará ficar mal.

LUIZA

Oh ! de certo, porque a duvida toda era por causa de papá.

BARONEZA

Bem ; agora vou mais satisfeita com a sua affirmativa ; a minha Luizinha tinha posto o caso em tanto receio...

VISCONDE

Gosta de se fazer desejar.

BARONEZA

É talvez defeitosinho de familia. Até á noute, então, e veja se vae na mesma disposição do outro dia, para dar outros tres codilhos ao padre prior. *(Ri)*.

VISCONDE

(Despedindo-se). Até á noute. *(Luiza beija a Baroneza)*.

BARONEZA

Vae o mais cedo que poderes, sim ?...

LUIZA

Sim ! *(Acompanham a Baroneza até a porta do fundo e cumprimentam-n'a)*.

SCENA VI

Visconde, Luiza e depois Antonio

VISCONDE

Vae tratar da tua *toilette* enquanto eu vou ao escriptorio dar algumas ordens. (*Saem*).

ANTONIO

(*Entrando e sentando-se a ler n'um livro. Fecha o livro que põe em cima da meza*). E chama este homem fraco ao suicida, é falso. Na minha opinião, o suicidio só pode ser inspirado por uma alma nobre, por um coração generoso. Fraco é aquelle, que desamparado de tudo quanto ambiciona, se resigna a ser victima desprezivel do destino e muitas vezes do mundo. Qual a alma nobre e o coração d'artista, que morta de desenganos, não se torna ao de cima da sociedade, desprezando o que ella tanto quer? Para o rude a vida deve ser tudo, embora cheia de torpezas. Para o genio só vale a gloria. A vida sem ella não é mais que um fardo pesadissimo. Vamos, pois, não tenho tido animo para arrostar com tantos desenganos, tel-o-hei agora pela ultima vez fazendo um esforço extremo que me grangeará se não a gloria, na outra vida, um repouso eterno ao menos. (*Tirando da algibeira um papel que contem pós, e pegando em seguida n'um copo em que deita agoa. Vacillante*). Luiza... pois hei-de deixal-a... Luiza, a quem tanto amo. (*N'outro tom*). Vamos, eia, coragem, não vacilles ante o direito e a razão!... (*Deita os pós n'agua*) É tão cobarde a humanidade que até descobriu o veneno. — Não podem ser maiores as agonias da morte que o desalento que sinto pela vida. (*Pegando no copo para beber*). Bebe... Vela por mim meu pae, (*Vae para pôr o copo á boca porém fica suspenso ouvindo bater á porta*).

SCENA VII

Antonio e Luiza

LUIZA

(*Fóra, batendo á porta*). Primo... primo... abra... abra... boas noticias. O papá recbeu carta do Brazil.

ANTONIO

(*Pondo o copo em cima da meza*), Meu Deus, que ouço será illusão?!...

LUIZA

(*Batendo com mais força*). Abra... abra...

ANTONIO

(*Vae abrir*). Ella!... É um anjo que me vem salvar!

LUIZA

(*Entrando*) Esta carta do Brazil, em que um correspondente da Baroneza, dá noticia do grande exito que obteve no theatro do Gymnasio, o seu drama — *Luiza* — e que o magnanimo Imperador, D. Pedro II, acaba de o condecorar em paga do seu talento.

ANTONIO

Condecorar... a mim!...

LUIZA

Olhe, leia.

ANTONIO

(*Lendo*). É verdade. — «O empresario do theatro do Gymnasio do Rio de Janeiro, em vista do grande exito obtido pelo drama *Luiza*, encarregou-me de mandar offerecer ao recommendado de V. Ex.^a, metade do producto liquido de cada recita caso elle venha aqui tratar de pôr em scena o resto das suas obras » (*Declamando*) Só na cidade de Santa Cruz se juntaria a justiça dos homens, á justiça de Deus!

LUIZA

E mais uma cousa. Este retrato que veio juntamente com a carta e que a Baroneza, manda offerecer ao primo. (*Dá-lh'o*).

ANTONIO

O retrato do Imperador! (*Beijando-o*) Obrigado... obrigado... coração generoso, alma nobre, que galardoando o merito te galardôas a ti proprio!...

SCENA VIII

Os mesmos o Visconde e depois a Baroneza.

VISCONDE

(Abraçando Antonio.) Parabens, meu filho, muitos parabens. É uma vez que te tornaste digno, parte, vai agradecer ao Imperador a honra que te concedeu, *(indicando Luiza)* que tua esposa aguarda a tua vinda.

ANTONIO

(Abraçando o Visconde. e beijando-lhe a mão) Obrigado, meu tio... Obrigado. *(Abraçam-se todos tres)*

LUIZA

Este dia, é o dia mais feliz de toda a minha vida!

ANTONIO

E eu que direi então?

BARONEZA

Eu tambem me quero associar ás suas satisfações. O amor que tenho á minha querida Luiza e a sympathia que o sr. Antonio me deve, fizeram com que me interessasse pelas suas obras e ellas fossem representadas no Brazil.

ANTONIO

Obrigado, sr.^a baroneza, obrigado.

LUIZA

Obrigada tambem, minha boa amiga.

VISCONDE

E se em terra estranha honram as letras portuguezas, não deixarás de encontrar menos protecção na tua patria, a quem tanto engrandeces. Não sabe ser ingrata a nação do poeta soldado e do titular enobrecido.

VOZES *(fôra)*

Viva o sr. Antonio... viva o sr. Antonio...

LUIZA e ANTONIO

Que é isto?! ...

VISCONDE

São as raparigas e os rapazes da terra a quem dei licença de virem para aqui brincar, que felicitam Antonio.

SCENA XIX

Os mesmos, raparigas e rapazes, o Padre prior, o Administrador e o Mestre de meninos.

PRIOR e ADMINISTRADOR

(*Entrando*). Viva o sr. Antonio.

TODOS

(*Idem*). Viva.

PRIOR

(*A Antonio*). Felicito-o, Antoninho, pela graça que teve, e não esqueça nunca: quem com Deus anda, Deus o ajuda.

ADMINISTRADOR

Junto as minhas felicitações ás do sr. prior, e só digo, sr. Antonio, que o que é de lei, é de lei. E dito isto, declaro que não digo mais.

TODOS

Muito bem... muito bem.

O MESTRE

(*Gaguejando*) E... eu, sr. An...tonio...

PRIOR e ADMINISTRADOR

(*Á parte, ao visconde*). Traz discurso... peço a v. ex.^a que o escute com atenção. É um homem intelligentissimo.

MESTRE

Eu... sr. Anto...nio...

TODOS

(*Impondo silencio*). Schiu... Schiu...

MESTRE

Eu, sr. Antonio, citarei primeiro que tudo o texto latino *quod natura dabo nemó negare potes*; e participo-lhe que eu folgo, elles folgam, e nós folgâmos todos com a justiça que acabam de fazer ao seu alto talento. Talento alto, talento altissimo, que, auxiliado pela mão vigorosa da Providencia, encontra em sua guarida inspirações sublimes, que fazem manar n'essa rebustez d'espírito odes pindaricas e effluvios oratorios.

TODOS

Muito bem... muito bem!

MESTRE

E effluvios oratorios!... (*Todos indo a elle tocando-lhe na mão*).

TODOS

Bravo! bravo!

MESTRE

Sigam-se as danças. (*Todos fazem roda ficando ao centro o mestre de meninos*.)

MARGARIDA

(*Chegando-se a Antonio*). Então sempre é verdade que nos vai deixar? E eu a dar-lhe beijos todos os dias! Ingrato!... Que será agora da minha pobre mãe e de mim; eu já não tenho quem me dê bolos, nem flôres bonitas, e ella coitadinha, vai morrer naturalmente de fome encostada á sua pobre arca. (*Chora*.)

ANTONIO

Deixa estar, não chores, minha boa Margarida; aqui tens minha prima, a quem te deixo recommendada para nada faltar, nem a ti nem a tua mãe. E deixa estar que melhoras, até... te has-de esquecer de mim em poucos dias.

MARGARIDA

Não esqueço não! Julga que eu sou tão ingrata como o senhor? Hei-de continuar a rezar todos os dias a Nossa Senhora, para que seja feliz e obtenha tudo que desejar.

TODOS

À dança!... À dança!... (*Cantam e dançam*).

Vamos, vamos a dançar
Todos anchos d'alegria,
Nenhum deixa de folgar
N'este tão solemne dia.

Ora pois, rapaziada,
Toca, toca a divertir,
Os prazeres dos fidalgos
Todos nós queremos sentir.

É desprezar as paixões,
Que as leve o démo damnhinho,
Vivam, vivam os fidalgos,
Tambem o nosso Antoninho.

FIM

460

2760

230

5990000

1550600

2247033

152145

8939778

9340

382

9722

8940

400

9340

217

9557

10057

45

85

225

360

5825

